

ORIENTANDO/ORIENTADOR IDEAL E SENTIMENTOS PERCEBIDOS DURANTE O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

IDEAL COUNSELOR AND FEELINGS PERCEIVED DURING THE COURSE COMPLETION WORK

O artigo foi aprovado, apresentado e premiado como o Melhor Trabalho da Área de Pesquisa e Ensino da Contabilidade no 12º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças - Universidade Federal de Santa Catarina realizado em 19 e 20 de setembro de 2022 em Florianópolis/SC.

RESUMO

Com esta pesquisa objetivou-se compreender as características ideais e os sentimentos percebidos pelos orientadores e orientandos durante o processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Para tanto, foram ouvidos professores orientadores e egressos do curso de Ciências Contábeis de uma instituição pública de ensino superior da região Sul do Brasil. As evidências, colhidas a partir de entrevistas semiestruturadas com seis orientadores e cinco orientandos, passaram por uma análise de conteúdo, constatando-se indicativos de que, no processo de escolha de orientadores e orientandos, é valorizada a similaridade com a linha de pesquisa do docente. Quanto às características de um bom orientador, identificam-se o comprometimento, a disponibilidade e a organização do processo de orientação. Já para um bom orientando, as características consistiram na autonomia, disponibilidade, dedicação e vontade em desenvolver a pesquisa. Quando os orientadores observam essas características em um orientando, expressam-se orgulho, gratificação, alívio e felicidade. Por sua vez, quando isso não é observado, vivenciam-se frustração, angústia, impotência e tristeza. Os orientandos, ao perceberem tais características em seus orientadores, sentem-se aliviados, confiantes, realizados, gratos e satisfeitos. Do contrário, o desespero, a decepção, a raiva, a impotência e o abandono são sentidos. O estudo apresentou, ainda, diferentes implicações: (i) revela a importância de os discentes destinarem atenção ao TCC desde o início da construção da pesquisa; (ii) auxilia ambas as partes a conhecer as expectativas geradas nesse processo; e (iii) revela a importância de um processo formal de orientação dos estudantes, ocupando carga horária dos docentes.

Palavras-chave: Relação orientador-orientando; Sentimentos; Ciências Contábeis; Orientação; Trabalho de Conclusão de Curso.

ABSTRACT

The research aimed to understand the ideal characteristics and feelings perceived by advisors and students during the process of preparing the final paper of advising professors and graduates of the Accounting Sciences course at a public higher education institution in the South region of Brazil. The evidence was collected from semi-structured interviews with 6 supervisors and 5 students, and a content analysis was carried out. There are indications that in the process of choosing advisors and students, similarity with the professor's line of research is valued. The characteristics of a good advisor are commitment, availability, and organization of the orientation process. The characteristics of a good student consist of autonomy, availability, dedication, and willingness to develop research. When advisors observe these characteristics in a student, they express pride, gratification, relief and happiness. In turn, when they do not observe, frustration, anguish, impotence, and sadness are experienced. Mentees, upon noticing such characteristics in their supervisors, feel relieved, confident, fulfilled, grateful and satisfied. Otherwise, despair, disappointment, anger, helplessness, and abandonment are felt. The study has different implications: (i) it reveals the importance of students paying attention to final paper from the beginning of the research; (ii) helps both parties to understand the expectations generated in this process; and (iii) reveals the importance of a formal guidance process for students taking up teaching hours.

Keywords: Advisor-student relationship; Feelings; Accounting Sciences; Orientation; Final paper.

Matheus Gonçalves Zadra Pacheco

Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Auxiliar de Contabilidade pelo escritório L R R Serviços de Digitação e Contábeis. E-mail: matheuszpacheco@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2179259124166960>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6006-4634>

Sonny Rogério Camargo

Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Auxiliar de Recursos Humanos pelo escritório Stelle Contabilidade. E-mail: sonnyrcamargo@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3885896734860706>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1518-6541>

Rayane Camila da Silva Sousa

Professora adjunta do Departamento de Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Doutora em Contabilidade pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre em Contabilidade pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Especialista em Contabilidade Tributária pelo Centro Universitário - Uninovafapi. Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. rayanecamila.pi@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8604968465465986>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7181-1607>

Alison Martins Meurer

Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Doutor em Contabilidade pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre em Contabilidade pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Especialização em Avaliação do Ensino e da Aprendizagem da Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE. Bacharel em Ciências Contábeis na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. E-mail: alisonmeurer@ufpr.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4473556362665178>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3704-933X>

1. INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em algumas instituições, constitui etapa necessária para a finalização do curso de graduação e consiste no desenvolvimento de uma pesquisa científica. Outras instituições adotam o modelo de artigos científicos; outras, monografias; e outras, ainda, possibilitam validar esta etapa com trabalhos de iniciação científica; enquanto há aquelas que adotam relatórios técnicos. Geralmente é nesse contexto que os estudantes são desafiados a estabelecer o seu primeiro contato com a pesquisa científica e, por isso, essa etapa cerca-se de novidade para os estudantes.

Nesse processo de construção de conhecimento científico, diferentes sentimentos permeiam a vida do acadêmico. Alguns são sentimentos negativos, como ansiedade, cansaço, nervosismo; e sentimentos positivos, como alegria, satisfação, confiança e tranquilidade (Meurer et al., 2020). Uma possível fonte desses sentimentos é a relação estabelecida entre orientandos e orientadores no desenvolvimento do trabalho final.

Nessa perspectiva, Lowman (2004) desenvolveu seu modelo bidimensional, tratando do estímulo intelectual do aluno e dos relacionamentos interpessoais entre professor e aluno. De modo específico, esta pesquisa focou nos relacionamentos interpessoais, precisamente, nos sentimentos e expectativas diante da relação orientador-orientando. Para Oliveira (2006), a relação entre estes atores – orientador e orientando – se insere em uma discussão mais ampla, concernente aos relacionamentos humanos, implicando que o comportamento de um deles reflete no do outro.

Meurer et al. (2020) verificaram que a relação orientador-orientando pode ser conturbada, gerando efeitos adversos na qualidade da pesquisa e sobre a vida dos orientandos durante as fases de orientação das dissertações. Viana (2008), por sua vez, apontou que alguns alunos possuem demandas que seguem juntas no desenvolvimento do TCC e que podem interferir na relação com o orientador, citando, inclusive, questões familiares e de saúde. Em seu estudo, Mailhiot (1976) ressaltou que a produtividade de um grupo e sua eficiência estão relacionadas com a competência de seus membros e à solidariedade das relações interpessoais incluindo o orientador-orientando.

Assim, a relação entre orientador e orientando pode implicar experiências diversas, que podem ser positivas ou negativas. Para Falaster et al. (2017), os orientadores exercem influências significativas sobre o que seus orientandos produzem durante a pós-graduação, inclusive em relação à qualidade dos trabalhos. Já Paloschi (2013), ao discutir os aspectos da orientação do TCC na graduação de Ciências Contábeis, destacou a insegurança dos acadêmicos nessa etapa e, ainda ratifica sua possível causa, expondo elementos acerca da quebra de expectativas dos orientandos frente à falta de preparo dos orientadores para lidar com as emoções dos estudantes, bem como para estimular seu potencial, como sugeriu Lowman (2007).

Diferentes aspectos podem guiar essa relação, desde a cobrança por prazos e versões escritas, até o desenvolvimento metodológico do estudo. Nesse sentido, Lopes et al. (2020) apontam o bom relacionamento entre as partes envolvidas como ponto-chave para o sucesso da pesquisa. Nessa mesma direção, Leite Filho e Martins (2006) sinalizam que a qualidade da orientação é um dos pontos que norteiam o sucesso ou o fracasso dos orientandos.

Ante as relações e os sentimentos envolvidos no processo de orientação, é importante ressaltar as características dos professores e estudantes que conduzem o processo de elaboração do TCC. Ao pesquisar a relação orientador-orientando, Leite Filho e Martins (2006) constataram que os orientadores dão preferência às características técnicas dos orientandos. Experiência na escrita científica e pontualidade são atributos que Alves et al. (2012) definem como facilitadores na orientação dos alunos/orientandos.

A relação orientando-orientador, para Viana e Veiga (2010), exige de ambas as partes: diálogo, organização, disciplina e responsabilidade, características que aumentam as probabilidades de obter sucesso no processo de ensino. Machado et al. (2008) apontam existir similaridades e pequenas diferenças entre o que os alunos e professores julgam como ideais, destacando, por exemplo: ética, honestidade e dedicação. Essas características, quando encontradas em ambas as partes, reduz a possibilidade do estabelecimento de relações conflituosas que, talvez, comprometam o desempenho do orientando e orientador.

O descuido com a relação orientador-orientando gera diferentes incógnitas para o meio acadêmico. Nobrega (2018) adverte que, no Brasil, existe um número limitado de estudos que avaliaram o impacto da relação orientador-orientando, estimulando a pesquisar sobre a temática. Nesse sentido, em relação aos aspectos introduzidos e às relações sentimentais entre os orientandos e orientadores, pretendeu-se, neste estudo, analisar os “dois lados da moeda”, buscando compreender a perspectiva dos orientadores e dos orientandos acerca das características ideais e dos sentimentos vivenciados neste processo, em especial no ambiente da graduação, sendo esta lacuna que a pesquisa se propôs a minimizar.

Posto isso, nesta pesquisa, buscou-se responder a seguinte questão: *quais são as características ideais e quais sentimentos são percebidos pelos orientadores e orientandos durante o processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso?* O objetivo desta pesquisa, enfim, consistiu em compreender as características ideais e os sentimentos relatados tanto pelos orientadores quanto pelos orientandos durante o processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

A partir dos achados deste estudo, discentes e docentes poderão moldar sua forma de estruturar o relacionamento de orientação, a fim de gerarem um processo de orientação mais colaborativo, amigável, bem-sucedido e alinhado às expectativas de ambas as partes.

Além disso, os sentimentos gerados no processo de orientação poderão servir como base para as tomadas de decisões, a fim de minimizar as relações e os sentimentos negativos e insatisfatórios produzidos no decorrer do desenvol-

vimento da pesquisa científica. De forma adicional, ao identificar as características almejadas por orientadores e orientandos, pode-se incentivar os docentes e discentes a adaptarem-se a essas características, a fim de tornar o processo de orientação mais exitoso a partir do alinhamento de ambas as partes.

2. CARACTERÍSTICAS IDEAIS E SENTIMENTOS NA RELAÇÃO ORIENTADOR-ORIENTANDO

O TCC é uma das últimas etapas a ser cumprida no decorrer de alguns cursos do ensino superior. Nessa etapa, o modo como se desenvolve o relacionamento entre as partes envolvidas, orientador e orientando, determinará a qualidade da construção de conhecimento na elaboração do trabalho (Machado et al., 2018). Surgem, então, nesse processo de orientação, as características tidas como ideais tanto para o orientando como para o orientador.

Armstrong (2004) afirma que o trabalho trilha por bons caminhos quando o orientador manifesta acessibilidade, honestidade e motiva o orientando para o sucesso no desenvolvimento do trabalho. Leite Filho e Martins (2006) ressaltam que a competência técnica e a compatibilidade de interesses pelo tema são características importantes, buscadas pelos orientadores; enquanto os alunos buscam orientadores que demonstrem segurança, acessibilidade e disponibilidade, sinalizando para a relevância da afetividade durante o período de orientação.

Características, como a iniciativa e a autonomia do orientando, são vistas pelos professores como um importante fator para o sucesso da elaboração do TCC (Rodrigues et al., 2007). Hamid e Shah (2018) exploraram a dinâmica durante a orientação e observaram que liderança e compreensão são elementos capazes de proporcionar autonomia aos alunos. Machado et al. (2018), por sua vez, demonstraram que ética, honestidade, motivação e educação são as principais características dos orientadores ideais. Aliado a isso, pontualidade, competência e dedicação, caracterizam os orientandos ideais.

Lopes et al. (2020) afirmam que o sucesso no desenvolvimento de uma pesquisa científica depende de uma relação coativizada entre orientador e orientando e que uma discordância nessa interação entre ambas as partes pode afetar a produção científica desenvolvida neste processo. Ou seja, esse respeito mútuo entre professor e aluno na elaboração do TCC é deveras importante, já que o peso do trabalho desenvolvido e apresentando ocupa um papel central na formação do estudante para a conclusão dessa etapa de ensino.

Sob o prisma psico-comportamental, Lowman (2004) aborda um modelo bidimensional, baseado em que a qualidade do ensino resulta da habilidade do professor universitário em gerar estímulo intelectual e fomentar os relacionamentos interpessoais, aumentando a motivação, o prazer e o aprendizado autônomo de seus estudantes. Sendo assim, o modelo de Lowman (2004) aborda duas dimensões: (1) estímulo intelectual, na qual a sala de aula funciona como uma arena dramática e um ambiente apropriado para um discurso intelectual; e (2) relacionamento interpessoal, em que os comportamentos interpessoais dos alunos e professores afetam fortemente a moral, a motivação e o aprendizado dos estudantes.

Conforme Lowman (2004), o relacionamento interpessoal se desenvolve de dois modos: primeiro não se pode permitir estímulos de ansiedade, raiva contra o professor, ou qualquer outra emoção negativa. Segundo, deve se trabalhar para a promoção de emoções positivas, tais como sentimentos de que o professor respeita os estudantes como indivíduos e os vê como capazes de um bom desempenho.

Nesse sentido, destaca-se que as emoções são expressões de afeto manifestadas juntamente com reações intensas e reflexos rápidos do organismo (Bock et al., 2008). Como aponta LeDoux (2007), os sentimentos são emoções conscientes, sendo que, para que ocorra o sentimento induzido a partir das emoções, três componentes são necessários: (i) a representação do estímulo emocional; (ii) a recuperação de significados associados a esse estímulo; e (iii) a percepção consciente de estados do corpo. Uma diferença entre o que são emoções e o que são sentimentos, apontada por Reeve (2006) e Bock et al. (2008), consiste na duração, sendo as emoções mais veementes e flexíveis, enquanto os sentimentos apresentam mais tempo de duração e menor relação com as reações intensas do organismo.

Damásio (2000) define sentimentos como experiências, características de um indivíduo, e que são acessíveis somente à própria pessoa. Na mesma linha, Polster e Polster (2001) afirmam que acontecimentos específicos e um esquema amplo das experiências pessoais compõem os sentimentos. Por seu turno, Scherer (2005) aponta que as experiências subjetivas, vividas pelos indivíduos, em conjunto com suas emoções, compõem os sentimentos pessoais.

De acordo com Mahoney et al. (2005), os sentimentos representam a expressão da afetividade, podendo ser expressos pela química e pela linguagem, argumentando, ainda, que o adulto sabe melhor como e quando expressar essas ações, pois observa antes de agir; sabe quando se expressar e traduz, de maneira intelectual, seus motivos e circunstâncias.

Percebe-se, desse modo, a partir das definições existentes na literatura, que os sentimentos são mais intrínsecos aos humanos, e um tanto quanto mais demorados de se manifestar e consolidar em relação às emoções, visto que estão vinculados a algum significado relacionado a sua ocorrência, como apregoado por LeDoux (2007). Para o presente estudo, portanto, os sentimentos figuram como foco principal na medida em que estão envolvidos por significados construídos ao longo do tempo.

Referente a estudos anteriores, destaca-se a discussão de Leite Filho e Martins (2006) sobre a relação orientador-orientando e sua influência no processo de produção de teses e dissertações dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Contabilidade na cidade de São Paulo. Os relatos dessa discussão indicaram que: os orientadores valorizam orientandos com características técnicas, já os orientandos valorizam as características afetivas e pessoais dos orientadores; o ambiente de autocracia e a falta de sistematização provocam nos acadêmicos sentimentos de insegurança, angústia e solidão; ainda, há pressões com relação à diminuição dos prazos de conclusão do curso e à ausência de entendimentos do que se esperar de uma dissertação ou tese e do papel de orientadores e orientandos no processo.

Ao realizar a análise de artigos análogos a este assunto, notou-se que as características e sentimentos relatados se assemelham entre os estudos (Viana, 2008; Viana & Veiga, 2010; Paloschi, 2013; Nobrega, 2018; Meurer et al., 2020; Cunha Junior et al., 2022). Nesse contexto, Viana (2008) analisou a relação orientador-orientando e suas implicações na produção acadêmica na ótica dos orientadores no programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB) e constataram que a maioria acredita que a qualidade da relação é de extrema necessidade para um bom êxito no trabalho, ou seja, uma boa relação de afeto faz com que haja uma melhor contribuição e um melhor conhecimento das suas limitações e dificuldades.

Viana e Veiga (2010) objetivaram discutir a voz dos orientandos e orientadores sobre as contribuições e fragilidades para o êxito da produção acadêmica no curso de mestrado no campo de pós-graduação na UnB, concluindo que alguns pontos são interpretados de formas divergentes pelo orientador e orientando. Por exemplo, a ideia de autonomia para alguns orientandos pode significar o abandono por parte do orientador. Por outro lado, os orientadores ressaltam a importância de acolher bem os alunos e estipular os direitos e deveres de ambos durante o processo de orientação.

Em seu estudo, Paloschi (2013) analisou a relação entre orientadores e orientandos no desenvolvimento do TCC no curso de Ciências Contábeis e constatou que a relação é um determinante para o processo de orientação. Além disso, identificou, entre os fatores que influenciam no resultado do TCC, a quantia de horas trabalhadas semanais e o tempo dedicado na elaboração do trabalho.

Nobrega (2018) caracterizou a orientação acadêmica e o relacionamento orientando-orientador na área de Língua Portuguesa na pós-graduação. As discussões indicaram a necessidade de maior atenção aos relacionamentos inter-relacionais e pessoais, assim adaptando a orientação de modo a destacar a característica dos sujeitos, tais como o diálogo, leituras e embasamentos teórico, indicação de caminhos, engajamento dos orientandos no processo e a empatia entre as partes.

Machado et al. (2018) constataram, junto a alunos e professores na pós-graduação em Contabilidade, que as características ideais dos orientadores e dos orientandos se baseiam na ética e em uma postura justa e honesta. Também foi constatado que os orientandos deveriam ter consigo um comportamento esforçado, dedicado e comprometido acima de tudo.

Meurer et al. (2020) analisaram egressos de mestrado em Contabilidade, e identificaram uma ascendência de sentimentos negativos no início e no decorrer da dissertação, tais como ansiedade, medo e angústia. Entretanto, houve também relatos de felicidade e satisfação, e um relacionamento de companheirismo e afetividade com o orientador.

Cunha Junior et al. (2022), ao pesquisar os sentimentos percebidos pelos graduandos no processo de elaboração do TCC em Ciências Contábeis, identificaram nos entrevistados, sentimentos negativos, sendo frustração e raiva os elencados de forma mais frequente. E concluíram, ainda, que outros fatores podem influenciar no processo de elaboração, como: família, amigos, profissão, dentre outros.

A partir desses estudos elencados nota-se que a relação orientador-orientando e a afetividade são aspectos relevantes para o desenvolvimento de estudos científicos. Conforme observado na literatura pertinente, uma má condução dessa relação pode gerar consequências negativas para os estudos desenvolvidos, bem como para a vivência do estudante. Embora alguns outros fatores, segundo Cunha Junior et al. (2022), possam influenciar na evolução da pesquisa (família, amigos, questões financeiras), um bom convívio entre orientador e orientando pode atenuar essas dificuldades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da pesquisa e instrumento de coleta de dados

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva e qualitativa, tendo se optado, para coletar as evidências, pela entrevista com roteiro estruturado, baseado nas pesquisas de Filho et al. (2004), Leite Filho (2004), Ribeiro et al. (2005), Viana (2008), Ferreira et al. (2009), Viana e Veiga (2010), Meurer et al. (2020) e Cunha Junior et al. (2022). Assim, foram formuladas um total de 23 questões; 12 para os orientadores (sete adaptadas e cinco de autoria dos pesquisadores) e 11 para os orientandos (oito adaptadas e três de autoria dos pesquisadores). As questões se dividiram em temas, envolvendo: processo de escolha e expectativas em relação ao orientador ou orientando (exemplo de questão “Quais são os pontos analisados antes de aceitar uma orientação de TCC?”); e relacionamento orientador-orientando e sentimentos gerados no processo de orientação (exemplo “Você pode elencar os sentimentos gerados quando você percebe no estudante as características de um bom orientando?”). Além disso, a fim de identificar o perfil sociodemográfico dos participantes, foi elaborado um questionário. O roteiro de entrevista foi elaborado conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Roteiro das entrevistas

Questão	Adaptada de
Roteiro orientadores	
1. Quais são os pontos analisados antes de aceitar uma orientação de TCC?	Leite Filho et al. (2004)
2. Como funciona o processo de escolha do tema de TCC dos seus orientandos?	Elaborada
3. Como são organizadas as orientações? Reuniões, materiais, correções entre outros.	
4. Na sua visão, quais são as características de um bom orientando?	Viana e Veiga (2010)
5. Há alguma atitude de um orientando que você mais deseja? (obs: Indagar exemplos)	Leite Filho et al. (2006)
6. O que é necessário para estabelecer uma boa relação entre orientador e orientando?	Ferreira et al. (2009)
7. Na sua visão, uma relação de amizade entre professor e aluno pode afetar o desenvolvimento do TCC? Comente.	Ribeiro et al. (2005)
8. Quais são os principais desafios existentes na relação entre orientador e orientando?	Viana (2008)
9. Quais fatores externos à vida acadêmica do aluno podem impactar negativamente na elaboração do TCC?	Junior et al. (2018)
10. Se você fosse escrever uma fórmula para um TCC de sucesso, qual seria a composição desta fórmula?	Elaborada
11. Você pode elencar os sentimentos gerados quando você percebe no estudante as características de um bom orientando?	Meurer et al. (2019)
12. Você pode elencar os sentimentos gerados quando o orientando não se mostra interessado no desenvolvimento do TCC ou ignora suas orientações?	
Roteiro orientandos	
1. Quais pontos profissionais e pessoais foram analisados inicialmente, antes de escolher o orientador?	Filho et al. (2004)
2. Quais são as características importantes em um bom orientador?	Viana e Veiga (2010)
3. Como a relação com o orientador pode ajudar no desenvolvimento do TCC?	Leite Filho (2004)
4. O que é necessário para melhorar a relação entre orientador e orientando durante a elaboração do trabalho?	Ferreira et al. (2009)
5. Na sua visão, uma relação de amizade entre professor e aluno pode afetar o desenvolvimento do TCC? Comente.	Ribeiro et al. (2005)
6. Como aconteciam os encontros para discussão do TCC?	Filho et al (2004)
7. Como você avalia sua evolução no decorrer dos encontros do TCC?	Elaborada
8. Quais desafios identificados por você podem impactar no processo de orientação?	Viana (2008)
9. Quais fatores externos à vida acadêmica podem impactar negativamente na elaboração do TCC?	Junior et al. (2018)
10. Você pode elencar os sentimentos gerados quando você percebe no professor características de um bom orientador?	Meurer et al. (2019)
11. Você pode elencar os sentimentos gerados quando o professor não se mostra interessado em ajudar no desenvolvimento do trabalho ou ignora suas solicitações?	

Fonte: Elaborada pelos autores.

Para as entrevistas, em relação às preocupações éticas e metodológicas, buscou-se: explicar as questões, quando de difícil compreensão; limitar a atuação do entrevistador para que os entrevistados se sentissem confortáveis para expressarem suas opiniões; agendar antecipadamente os dias e horários das entrevistas; garantir o sigilo, ocultando características e demais informações do entrevistado; disponibilizar previamente aos participantes o roteiro estabelecido, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e proporcionar liberdade para que os entrevistados sugerissem alguma alteração de falas nas transcrições. Além disso, vale registrar que as entrevistas foram gravadas, com a aprovação dos entrevistados, e transcritas em sua totalidade no intuito de garantir a fidedignidade dos relatos.

3.2 Coleta de dados

As entrevistas estruturadas foram realizadas com orientandos formados no ano de 2021 e orientadores do Departamento de Contabilidade de uma instituição de ensino superior da região Sul do Brasil. Foram convidados 11 orientadores e 14 orientandos, num total de 25, dos quais 11 aceitaram participar, sendo: seis orientadores e cinco orientandos, número considerado suficiente para alcançar a saturação das evidências.

Os participantes foram contatados, por meio de mensagens enviadas pelo aplicativo *Whatsapp*, para agendamento da data e horário das entrevistas via *Google Meet*. Após transcritas, as entrevistas foram enviadas por e-mail aos participantes para que pudessem modificar alguma resposta constrangedora, ou para complementarem as evidências, solicitando-se o retorno em seguida, da nova versão do documento aos entrevistadores. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 17 minutos e o tempo total de transcrição foi de 48 horas.

Com o intuito de alcançar uma estrutura adequada para a entrevista e não gerar perguntas dúbias e de difícil compreensão, o roteiro foi analisado por uma professora externa à instituição e com experiência em estudos na área de ensino e pesquisa em Contabilidade. Além disso, realizou-se entrevista-teste, com um professor e um aluno a fim de aprimorar o protocolo metodológico. Desse modo, constatou-se que algumas perguntas poderiam trazer respostas similares, além de implicarem respostas curtas, pouco desenvolvidas e com interpretações ambíguas. Diante dessa constatação, modificou-se a maneira de abordar as perguntas durante a entrevista, solicitando-se alguns exemplos e relato de experiências vivenciadas no processo de elaboração do TCC; e, adicionalmente, foram excluídas as questões que poderiam se enquadrar na dubiedade citada.

3.3 Análise de dados

A análise das evidências deu-se por meio da análise de conteúdo, tendo as categorias emergido das similaridades das falas dos participantes. Para corporizar as representações sociais (Lefevre & Lefevre, 2014) relatadas pelos participantes acerca do processo de orientação, fez-se uso, também, do discurso do sujeito coletivo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 Perfil dos entrevistados

As características dos entrevistados foram sintetizadas e apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Orientadores	Orientandos
Faixa Etária	35 a 50 anos	22 a 30 anos
Gênero	50% Masculino 50% Feminino 0% Outros	20% Masculino 80% Feminino 0% Outros
Formação Acadêmica	25% Mestre em Contabilidade 25% Cursando doutorado 50% Doutorado (Contabilidade e Administração)	100% Bacharéis em Ciências Contábeis
Profissão	100% Professor	60% Assistente Contábil 20% Contador 20% Representante Comercial

Fonte: Dados da pesquisa.

Em termos sociodemográficos, os orientadores apresentam idades entre 35 e 50 anos, três são do gênero masculino e três do gênero feminino. Em relação à formação acadêmica, todos são bacharéis e mestres em Contabilidade. Um orientador está cursando o doutorado em Contabilidade e três já concluíram o doutorado, dois em Contabilidade e um em Administração.

Os orientandos entrevistados têm entre 22 e 30 anos, quatro são do gênero feminino e um do gênero masculino. Todos são bacharéis em Ciências Contábeis, um com formação adicional em Administração; e, em termos de profissão, três são assistentes contábeis, um contador e um representante comercial.

4.2 Análise das evidências coletadas

A Questão 1 foi elaborada visando abordar elementos analisados antes de aceitar uma orientação ou de escolher um orientador. Com isso, tanto os orientandos quanto os orientadores foram precisos em afirmar sobre a afinidade com o tema entre ambas as partes, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 – Pontos analisados antes de aceitar uma orientação

Orientadores	Orientandos
Para mim, atualmente, o que importa mesmo é a linha de pesquisa, que o aluno está trabalhando, é o mais relevante para mim hoje né..., mas por muito tempo eu orientei sem fazer nenhum tipo de distinção com relação a isso né, mas eu acho que é interessante você definir uma linha de pesquisa que você quer trabalhar, porque eu acho que você contribui mais na orientação. (Orientador 6)	Se orientador ele tinha algum conhecimento mais profundo sobre o tema do trabalho, se ele já participou de algum projeto em relação ao tema [...] (Aluno 1) Eu e minha colega de trabalho, a gente procurou escolher um professor que tivesse mais voltado para a área que a gente queria escrever [...] (Aluno3)
[...]o ideal seria a linha de pesquisa, a disponibilidade do orientando em desenvolver a pesquisa, viabilidade da pesquisa, isso é fundamental também, se aquele tema é viável ou não. Como nós podemos analisar assim a questão da importância, da relevância para a contabilidade na atualidade. (Orientador 2).	Então, no meu caso, primeiramente, foi se o professor tinha afinidade ou não como assunto que era referente ao meu trabalho. (Aluno 4)

Fonte: Dados da pesquisa.

Tais afirmações alinham-se às discussões de Leite Filho e Martins (2006) e Viana e Veiga (2010), que destacam ser a afinidade com a linha de pesquisa algo a ser analisado antes da escolha e um fator que pode interferir no andamento da pesquisa. Viana e Veiga (2010) ainda salientam sobre a dificuldade que os orientandos têm em se adequar à linha de pesquisa dos docentes, e que isso é um motivo de preocupação aos orientadores.

Quanto ao processo de escolha do tema dos orientandos (Questão 2), os professores entrevistados citaram que muitos alunos não possuem um tema definido para a elaboração do TCC e que, por conseguinte, sugerem que os orientandos pesquisem temas que lhes despertem interesse, dentro da linha de pesquisa do professor. Esse mesmo caso é ressaltado por Leite Filho e Martins (2006) e Viana e Veiga (2010). Os professores também expõem algumas pesquisas que podem ser realizadas e ajustam outras vertentes para os orientandos definirem o tema e dar início à pesquisa, conforme destacado pelo Orientador 6.

[...] meus orientandos, são poucos os que vêm com tema definido já. Daí, muitas vezes, a gente pega e orienta: 'Olha, que tipo você gosta mais? Da área gerencial? Gosta mais da área tributária? O que você gosta?'. Enfim, a gente pergunta, aí, daí a gente procura, como disse, procura atender a necessidade do aluno *(Orientador 6)*.

Em relação aos alunos que já trazem temas predefinidos aos orientadores, Cunha Junior et al. (2022) mencionam que, quando o aluno apresenta, desde o início, um tema, pode ser um erro levar adiante tal ideia, pois poderá deixá-lo restrito, privando-o de novos conteúdos, com melhores condições de serem resolvidos, ou até mesmo, assuntos que possuem mais bibliografias. Um dos professores entrevistados relata essa situação a seguir:

Por exemplo, eu já tive casos de alunos que eu sugeri o tema e o aluno queria outra coisa. Era relacionado à temática de pesquisa? Era, mas às vezes, era pela experiência de trabalho, às vezes a formação do aluno [...] *(Orientador 4)*.

Quanto à maneira como os professores organizam o processo de orientação (Questão 3), os orientadores foram unânimes ao quesito cronograma, sendo a maioria desenvolvido com reuniões semanais ou a cada quinzena.

A gente tem *padlet*, *material*, *as atividades são postadas via classroom*, e a gente segue um cronograma. Este cronograma, inicialmente, ele tem um lapso, né, de tempo, mas aí a gente vai adequando ele de acordo com o andamento da pesquisa *(Orientador 4)*.

Na Questão 2, roteiro dos orientandos, e na Questão 4, roteiro dos orientadores, indagou-se sobre as características de um bom orientador e de um bom orientando, respectivamente. Os orientandos citaram o comprometimento e a disponibilidade. Em contrapartida, os orientadores priorizaram a dedicação, vontade, autonomia e afinidade com o tema a ser pesquisado. Alguns orientadores citaram, ainda, a importância da leitura para o desenvolvimento do trabalho, além do foco e o respeito aos prazos. Nas falas expostas na Figura 2, apresentam-se essas e outras preferências.

Figura 2 – Características de um bom orientador/orientando

Orientador	Orientando
Então, não precisa o cara ser bom, mas precisa ter vontade de aprender, vontade de querer, e é fundamental o orientando saber ouvir, ouvir o professor, e o que orientador tem para falar e, a partir daí, desenvolver o trabalho. (Orientador 2) .	A organização, porque a gente precisava marcar né... as aulas remotas, os encontros remotos, então ele precisava ser organizado (Aluno 3)
[...]Ele tem que ser autodidata, bom orientando tem que ser autodidata, ou seja, ele não pode ficar só na dependência do professor orientador. Então ele tem que correr atrás, tem que pesquisar. E para que isso aconteça eu procuro ao máximo possível viabilizar o tema que o acadêmico a princípio escolhe[...]. (Orientador 5) .	A criatividade eu acho que foi essencial. Porque a gente teve alguns desafios durante nosso trabalho, e, se nossa orientadora não fosse criativa, a gente teria se saído muito mal. (Aluno 4)
Eu acho que a proatividade, porque, como eu falei, eu tenho como perfil não ficar cobrando, eu estabeleço um cronograma e o aluno vai ter que ir cumprindo aquele cronograma. (Orientador 6) .	

Fonte: Dados de pesquisa.

Referente ao fácil acesso ao orientador, Leite Filho e Martins (2006) afirmam que esta é uma característica facilitadora da relação orientador-orientando, corroborando a pesquisa de Machado et al. (2018). Já Rodrigues et al. (2007), Viana e Veiga (2010) e Machado et al. (2018) indicam a proatividade como ponto importante no processo de desenvolvimento da dissertação e como algo a ser estimulado pelo orientador, respectivamente. Viana (2008) ressalta que essa característica é nata em alguns discentes, enquanto em outros deve ser trabalhada. Paloschi (2013) também cita a autonomia como algo a ser dosado para não ser tratado como abandono, indo ao encontro do que observam Viana e Veiga (2010) ao definirem que autonomia não significa deixar o aluno sem orientação.

No decorrer das entrevistas, foram averiguadas questões sobre a relação entre ambas as partes. Na Questão 3, roteiro dos alunos, foi indagado sobre como a relação poderia interferir no desenvolvimento da pesquisa. Por parte dos alunos, foi enaltecida a facilidade para desenvolver suas ideias com melhor fluidez e simplicidade, além de ser a base de tudo, podendo refletir positiva ou negativamente, ocasionando até a desistência, caso não obtenha êxito. O relato do Aluno 5 esclarece elementos acerca da relação criada:

Comigo foi o seguinte, ela, meio que me deu um norte primeiro, né... porque eu não fazia a mínima ideia. Eu fazia, por exemplo, um capítulo do meu trabalho e mandava para ela, daí ela corrigia esse capítulo, mandava o que eu poderia mudar, alterar, me mandava novamente *(Aluno 5)*.

Aos entrevistados foi perguntado sobre como melhorar a relação entre as partes (Questão 4 e 6 do roteiro dos orientadores e orientandos, respectivamente). Os orientadores falaram sobre estabelecer uma relação pautada no respeito entre as partes, indo ao encontro da pesquisa de Leite Filho e Martins (2008), que destaca o respeito e o fato de o relacionamento ser franco e transparente facilita a relação entre ambas as partes. O fator interesse pelo assunto também é decisivo, em acordo até mesmo com a questão da similaridade da linha de pesquisa.

Na Figura 3, exemplifica-se a questão da confiança, citada por orientadores e orientandos, resultado, ao mesmo tempo, conferido por Leite Filho e Martins (2004).

Complementando, outros resultados encontrados apontaram a interação social, com encontros presenciais mais proveitosos e a disponibilidade de horário. Esses mesmos pontos foram encontrados nas pesquisas de Leite Filho (2004) e Leite Filho e Martins (2006), ressaltando a acessibilidade como um ponto facilitador, e a falta de disponibilidade dos orientadores para com as orientações, respectivamente.

Figura 3 – A boa relação entre o orientador-orientando

Orientador	Orientando
São várias coisas, mas eu acho que respeito é o ponto principal. A partir daí a gente vai firmando essa relação. Eu acho que é isso, se você respeitar o acadêmico, ele, necessariamente, vai corresponder. O respeito ultrapassa a condição de orientador – orientando. (Orientador 3)	Eu acho que a confiança que você não pode se desesperar logo já no início né... orientador ele tem experiência com isso então você tem que confiar nele. (Aluno 1)
[...] tentar estabelecer essa conversa essa confiança né, com o acadêmico porque se ele não tiver a confiança de que você tá contribuindo para o trabalho dele ou tá auxiliando para que ele atinja o objetivo dele[...]. (Orientador 6)	[...] ela foi uma das pessoas que mais achei que tivesse disponibilidade, <u>mas mesmo assim</u> ela não tinha tanto né... porque a vida de todo mundo é corrida, mas acho que a principal coisa que ajudaria isso seria dar mais atenção mesmo. (Aluno 5)

Fonte: Dados da pesquisa.

Questionou-se, também, sobre se a amizade entre o orientando e o orientador afeta a relação e a elaboração do trabalho (Questão 7 no roteiro dos orientadores e Questão 5 no roteiro dos orientandos). As falas mais frequentes dos orientandos indicaram que a ajuda afeta positivamente, pois conduz a um relacionamento mais aberto e a uma maior atenção. Esses achados ecoam nas evidências apresentadas nas pesquisas de Viana (2008) e Meurer et al. (2020), as quais demonstraram que a boa relação é importante para conhecer as limitações do orientando e para fortalecer e amadurecer o acadêmico, respectivamente.

Outra resposta obtida referiu que “pode influenciar tanto positiva quanto negativamente”, pois, de acordo com alguns alunos, pode acontecer quando o aluno é “folgado” e o professor é muito “amigão”, fato este também observado por Viana (2008), o qual lembra que amizade não significa falta de cobrança. Do mesmo modo, Paloschi (2013) destaca que a amizade se entrelaça com o profissionalismo.

Já os orientadores destacaram a necessidade de estabelecer um limite nessa relação. Para Viana e Veiga (2010), o bom relacionamento com o orientador é essencial para a conclusão do trabalho; e, de acordo com Meurer et al. (2020), o fortalecimento e amadurecimento do acadêmico aumentam com uma boa relação com seu orientador. Lowman (2004) também enfatiza que o relacionamento interpessoal é especialmente importante para o sucesso do aluno, e que os professores devem buscar interagir com os alunos de forma a aumentar sua motivação, seu prazer e o aprendizado autônomo. Por fim, alguns orientadores citaram que a amizade pode, de algum modo, afetar na avaliação final, conforme se pode observar nas falas apresentadas na Figura 4.

Figura 4 – O impacto da relação de amizade entre orientador-orientando

Orientador	Orientando
Eu acho que não afeta o desenvolvimento do TCC, eu acho que afeta o problema da avaliação né! É mais impactante porque se você tem uma relação mais próxima com um aluno, no momento da avaliação se porventura o trabalho não estiver bom ou se tiver algum erro no trabalho e isso provavelmente vai ser apontado na banca [...] (Orientador 6)	Acho que pode afetar para o bem né! Não para o mal, para o bem principalmente. Principalmente pelo fato da atenção né [...] (Aluno 5)
	Podê sim, eu, na minha opinião tem que ter o equilíbrio! A gente não pode ser assim tão amigo, tão íntimo, porque isso vai acabar fazendo com que orientador talvez não possa assim puxar tanto a orelha da gente [...] (Aluno 4)

Fonte: Dados de pesquisa.

Aos orientandos foi indagado sobre os encontros, Questão 6 e Questão 7 do roteiro, perguntando como ocorreram e como deu-se a evolução do trabalho após essas reuniões. Observa-se que todos os encontros ocorreram por meio da plataforma *online Google Meet*, quando se tratava de reuniões; mas, para contatos mais recorrentes e esclarecimento de dúvidas, foi utilizado o aplicativo *WhatsApp*; e, para envio de documentos e demais contatos, foi utilizado o *e-mail*. Esse modo de atendimento/orientação é explicado/justificado pelo período de pandemia pelo qual todos acabaram passando. Nesse sentido ainda, foi ratificado por alguns alunos o fato de isso ter dificultado muito o processo de elaboração e contato.

Sobre as evoluções, todos os alunos entrevistados relataram que ela foi positiva na medida em que os encontros iam acontecendo. Alguns alunos ainda comentaram sobre a tranquilidade sentida após cada encontro e que acabaram evoluindo 100%, já que não tinham muita noção no início do processo.

[...] a gente demorou, assim, para pegar no ‘tranco’ e então, o trabalho para, como ele ficou no final, ele evoluiu assim 100%, porque a gente tinha muita dificuldade em escrever [...]. (Aluno 4).

A evolução foi ‘brutal’ né cara! No começo eu não entendia, não sabia nem fazer a introdução ali, né! [...], terceiro mês, a gente começou a desenvolver mesmo, o trabalho, eu senti que, praticamente, no final estava fazendo quase tudo sozinho, né. (Aluno 5).

Na Questão 8 de ambos os roteiros, os entrevistados foram indagados sobre os desafios existentes na relação entre orientador e orientando, que podem impactar no processo de orientação. Os orientandos citaram o distanciamento social, que impossibilitou também acesso a determinadas metodologias de coleta de dados, por conta do período de pandemia. Tal relato se alinha ao apresentado no estudo de Leite Filho e Martins (2006), o qual demonstrou que a distância, o estar longe do outro, gera solidão e insegurança nos orientandos, sendo, portanto, a proximidade um facilitador no processo.

A perda de foco, envolvendo questões familiares e de lazer, impactou de modo negativo. Semelhantemente, Cunha Junior et al. (2022) apontaram que a família pode influenciar na elaboração do trabalho. Um orientando relatou que a ausência de suporte, por parte do orientador, pode até levar à desistência, alinhando-se ao estudo de Meurer et al. (2020), o qual apontou que um distanciamento na relação orientador-orientando pode ser uma barreira na orientação.

Nesse quesito, os orientadores, por sua vez, citaram diversos fatores: a disponibilidade; o prazo para entrega; determinados regulamentos da universidade; e, até mesmo, o desafio em manter o aluno motivado. Em estudos desenvolvidos, Viana e Veiga (2010) comentam sobre a falta de tempo, isto é, o curto espaço de tempo que alguns orientadores têm para cumprir com todos os afazeres da orientação. Nas entrevistas com os orientadores, algumas características desafiadoras também citadas foram a teimosia e a falta de compreensão, ressaltando que alguns orientandos não entendem o ponto de vista do professor. O Orientador 5 salientou, ainda, a falta de trabalhos científicos, que estimulem a escrita nos alunos, conforme exemplificado e exposto na Figura 5.

Figura 5 – Desafios existentes na relação orientando-orientador

Orientador	Orientando
[...] os orientandos chegam para desenvolver o trabalho de conclusão de curso e eles não tiveram uma preparação adequada para desenvolver o seu trabalho. Então, o principal desafio hoje é justamente preparar o aluno. (Orientador 5).	[..] pandemia né, que dificultou tanto o contato com orientador, quanto até mesmo a busca. Assim, o nosso TCC, ele era para ser feito com entrevistas, só que nenhuma das pessoas que a gente... queria entrevistar topou de poder fazer tudo online [...] (Aluno 4).
Eu acho que o maior desafio talvez seja manter o aluno motivado porque o trabalho de conclusão de curso é exaustivo, [...]. Tentar manter o aluno motivado para que ele continue se esforçando né. (Orientador 6).	

Fonte: Dados da pesquisa.

A Questão 9 de ambos os roteiros tratava sobre os desafios externos que podem impactar na elaboração do trabalho. O Aluno 2 salientou a possibilidade de desenvolver algum tipo de doença, como depressão, ratificando o encontrado nos estudos de Viana (2008), os quais relatam que fatores relacionados à saúde também podem impactar na elaboração. Outros fatores citados pelos orientandos foram o estado emocional, as redes sociais e a vida social. Nesse sentido, um orientando, para fortalecer a questão família no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, citou, ainda, um exemplo:

Teve até um colega que chegou a desistir do curso, porque ele tentava assistir às aulas online e se dedicar ao TCC e ele falava que a mãe e o pai dele não entendiam que ele estava em aula, daí eles entravam no quarto, queriam conversar e daí ele teve que acabar desistindo, porque ele não conseguia prestar atenção (Aluno 3).

Especificamente aos orientadores, questionou-se sobre alguma fórmula para um TCC ser bem-sucedido (Questão 10). Para os docentes, nesse caso, é fundamental que o trabalho seja atual, com estrutura e embasamento teórico adequados, aspectos esses citados também por Leite Filho e Martins (2004), além de observar metodologia bem colocada, juntamente com a utilização de boas ferramentas de análise. Somando e esses fatores, os orientadores destacaram características, como dedicação, revisão da literatura e foco por parte dos orientandos.

Os orientadores ainda relataram sobre a necessidade de que seja um trabalho que agregue algo à sociedade, à profissão, aos acadêmicos e professores como um todo. O Orientador 5 destacou a necessidade de o orientando desenvolver um bom trabalho para a própria realização pessoal e acadêmica, e não somente para cumprir uma burocracia do curso.

Questionou-se também (Questão 10, roteiro orientandos, e Questão 11, roteiro orientadores) sobre os sentimentos

gerados quando o orientador ou o orientando apresentam as características de um bom orientador/orientando. Com esse questionamento, obteve-se como mais citado, entre ambos os entrevistados, o sentimento de alívio, seguido por confiança e realização (Aluno 1), gratidão e satisfação (Aluno 2), confirmando os achados da pesquisa de Meurer et al. (2020), a qual apresentou a satisfação, juntamente com a confiança, sendo percebida já na fase de desenvolvimento do referencial teórico.

Alívio, gratidão também, né! E acho que satisfação mesmo de... de ter encontrado um bom orientador, mas acredito que alívio é o maior, porque não é fácil desenvolver o trabalho (Aluno 2).

É um alívio, né cara! Porque eu comecei meu TCC adiantado justamente por isso, né, porque eu já sabia que era um trabalho grande, extenso para fazer, eu já busquei orientador antes (Aluno 5).

O Aluno 3 destacou que o fato de o seu orientador ser organizado e competente gerou tranquilidade em saber que o trabalho estaria bom, confirmando, assim, o que se encontrou na pesquisa feita por Leite Filho e Martins (2004), isto é, a qualidade da orientação gera segurança no desenvolvimento do trabalho.

Os orientadores, por seu turno, descreveram sentimentos de orgulho, gratificação e felicidade. A sensação de dever cumprido foi destacada pelo Orientador 6, ao afirmar que o aluno já passou por um processo de construção do seu conhecimento desde o início do seu aprendizado, e, quando se vê que ele chegou em condições de desenvolver um trabalho bom, a sensação é de que o curso cumpriu com o seu papel.

Nas questões seguintes (11, roteiro dos orientandos, e 12, roteiro dos orientadores), os entrevistados foram indagados sobre os sentimentos gerados quando o professor ou o aluno não se mostra um bom orientador/orientando. Na resposta dos orientandos, o sentimento de desespero foi o mais comentado, podendo ser explicado pelo fato de o orientador representar o pilar na construção desse trabalho e pela importância que o orientador traz no seu desenvolvimento, sendo assim, se ele não cumpre com o seu papel, o orientando acaba ficando “sem ter para onde correr”.

Outros sentimentos citados foram a decepção, a raiva, a frustração – relatadas também na pesquisa de Cunha Junior et al. (2022) –, a impotência e o abandono. Esse ponto corrobora a pesquisa de Paloschi (2013), a qual esclarece que a insegurança por parte dos alunos pode ser explicada pela expectativa criada perante o orientador, e que, muitas vezes, não é correspondida, como apontado pelo Aluno 4 “[...] até que ponto é culpa só do orientando, né... porque tem todo esse sentimento de frustração por não ser correspondida pelo orientador”. Na Figura 6, apresentam-se algumas dessas percepções apontadas pelos entrevistados.

Figura 6 – Sentimentos gerados na orientação

Orientador	Orientando
Frustração, indignação, né... porque acaba sendo um descaso pelo orientador, né, porque o orientador, também, ele trabalha, não é fácil de orientar um trabalho. Quando nós falamos orientar, você sente ali naquela reuniãozinha de uma hora, não é só aquela reuniãozinha de uma hora. (Orientador 2).	[...] sem dúvidas o desespero porque se o orientador não consegue te ajudar, acaba gerando um desespero porque você tem noção que você vai ter que se virar meio que sozinho né [...] (Aluno 1).
Eu sinto uma incapacidade, sabe? Assim, uma questão de... sinto incapaz, até mesmo incompetente, porque, no meu caso, posso falar no meu caso, especificamente, eu... eu procuro, eu me dedico, eu me entrego realmente, né, para cada... para cada trabalho, para cada orientando. (Orientador 5).	[...] porque você pensa “já é difícil achar um orientador né” daí esse cara já não quer orientar, o que eu queria não quer, daí você fica “nossa eu vou para cima de quem agora”, aí você fica meio que no desespero querendo buscar qualquer professor até você achar um perfeito né [...] (Aluno 5).

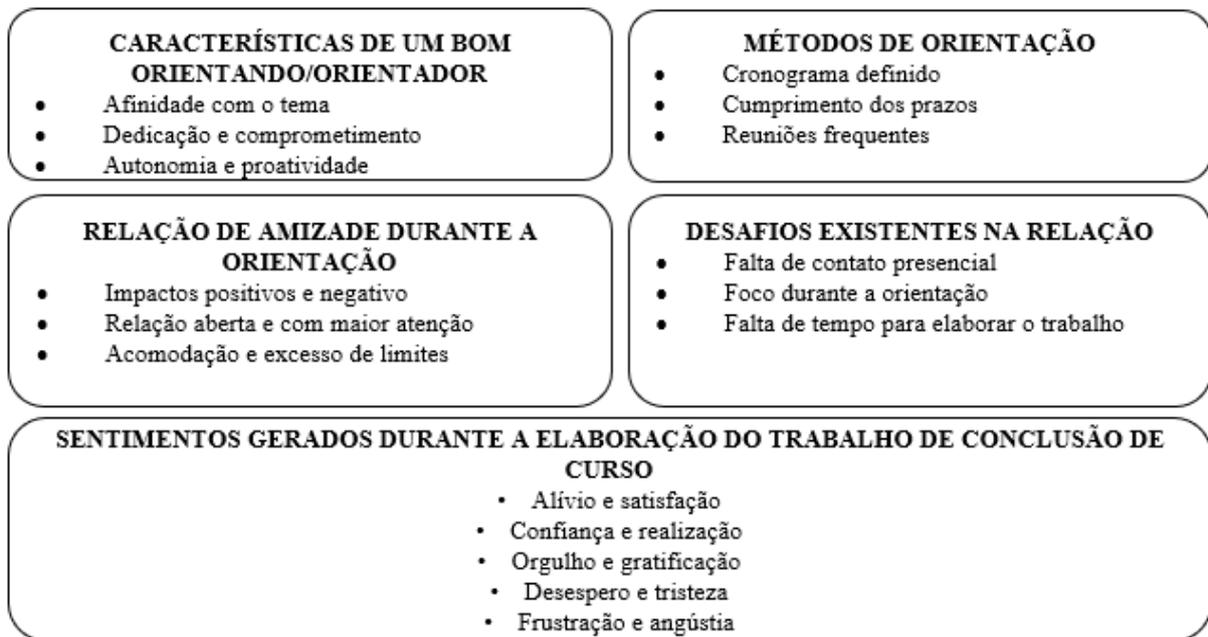
Fonte: Dados da pesquisa.

Os sentimentos citados entre os orientadores, por sua vez, foram de frustração e angústia, ambas corroborando os resultados de Cunha Junior et al. (2022); tristeza e a sensação de impotência devido à relação entre o esforço dos orientadores e a falta de vontade do orientando foram sentimentos também relatados.

4.3 Síntese das evidências

A partir das entrevistas que permitiram a coleta das evidências coletadas, foi elaborada uma síntese das características ideais e dos sentimentos percebidos pelos orientandos e orientadores. Além das características, foram apontadas, pelos entrevistados, ações e métodos que podem ser empregados, visando tornar mais efetivo o processo de interação entre orientador e orientando (Figura 7).

Figura 7 – Características percebidas pelos orientandos e orientadores



Fonte: Elaborada pelos autores.

As evidências coletadas permitiram sintetizar características do que define um orientador e orientando ideal; quais sentimentos são gerados durante a orientação; e quais elementos conduzem a um processo exitoso. Nota-se que parte desses aspectos se alinha com a literatura que versa sobre a temática.

Desse modo, os resultados obtidos refletem a ideia proposta por Lowman (2004) de que o processo ensino-aprendizagem é otimizado quando há estímulo intelectual e relacionamento interpessoal favorável. Conforme apresentado nos relatos dos entrevistados, o processo de orientação do TCC vai além do suporte técnico oferecido pelo orientador; são necessárias também certas características tanto do orientador como do orientado, que favoreçam uma relação interpessoal positiva para o sucesso da orientação.

Quanto aos sentimentos, observou-se o potencial da relação de orientação em gerar sentimentos positivos e negativos, tanto no orientador como no orientando. Isso acontece, conforme justifica Lowman (2004), porque o ambiente de ensino é uma arena interpessoal carregada de emoção, em que alunos e professores reagem emocionalmente aos acontecimentos inerentes ao processo de aprendizagem. Nessa lógica, Lowman (2004) cita a necessidade de desenvolver habilidades interpessoais do professor, destacando que ele deve ser capaz de proporcionar emoções positivas nos alunos e evitar as emoções negativas, que possam comprometer a motivação do aluno.

Nessa mesma linha, estudos de Meurer et al. (2020) evidenciaram que a falta de atenção do orientador, no decorrer do processo de orientação, tende a prejudicar a qualidade da pesquisa e gerar estados emocionais negativos no orientando, fato que foi ratificado nessa preocupação comentada pelos alunos.

Em relação a como organizar o processo de construção da pesquisa, Viana e Veiga (2010) mostraram que definir leituras, demarcar prazos e a periodicidade dos encontros auxiliam a nortear o trabalho e estabelecer o que se espera de ambas as partes. A organização do cronograma de trabalho, as revisões por parte dos orientadores e a disponibilidade de tempo para atendimento também contribuem para o sucesso desse processo (Viana & Veiga, 2010). Especialmente no que concerne à falta de tempo, Leite Filho e Martins (2006) e Cunha Junior et al. (2022) apontam que esse é um item que traz mais dificuldade às duas partes, e que os fatores externos interferem em mais de 90% dos sentimentos vivenciados na elaboração da pesquisa.

Observar esses elementos para planejar um processo de orientação alinhado às expectativas de ambas as partes é fundamental, à medida que a relação orientador-orientando desperta sentimentos derivados do cumprimento ou das frustrações das expectativas previamente definidas. Meurer et al. (2020) e Cunha Junior et al. (2022) destacam que a narrativa de sentimentos como a sensação de abandono, a frustração e a angústia predominam nos relatos dos atores deste processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa caracteriza-se como inovadora ao compreender as características ideais e os sentimentos relatados pelos orientadores e orientandos durante o processo de elaboração do TCC, tendo os achados revelado que a delimita-

ção dos direitos e deveres de ambos precisa ser acordada e respeitada para o êxito do trabalho. A escolha de uma linha de pesquisa em que o orientador possua afinidade resulta em um bom desenvolvimento do trabalho, assim como, a disponibilidade, a dedicação e o cumprimento devido dos prazos. A relação de amizade durante o processo de orientação também pode fortalecer o bom desenvolvimento do TCC, desde que haja limites estabelecidos por ambas as partes.

O alinhamento da relação entre orientando e orientador gera sentimentos de alívio, satisfação e sensação de dever cumprido, podendo contribuir para um trabalho harmonioso e de sucesso. Por outro lado, os conflitos de interesses durante o processo de orientação geram sentimentos de tristeza, frustração, indignação e tende a resultar em abandono ou perda de interesse no desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso.

Diferentes implicações derivam desses achados. Desse modo, aconselha-se que, logo nos primeiros anos de graduação, os estudantes sejam conscientizados acerca da importância de desenvolver pesquisas científicas. Em complemento, o estímulo da disciplina e do compromisso com o TCC é algo que deve ser bem trabalhado com os discentes. Sob a perspectiva dos orientadores, estabelecer um cronograma de orientações e atribuir carga horária oficial para essas tarefas são caminhos institucionais que podem ser adotados, a fim de fomentar o êxito desse processo. Em um período de relações conturbadas, observar e respeitar elementos interpessoais na relação orientador-orientando apresenta-se como um fator a ser valorizado pelas instituições de ensino. Nesse contexto, as coordenações dos cursos podem desenvolver *wokshops* acerca da importância e dos efeitos da relação orientador-orientando.

Devido a sua característica qualitativa, os achados desta pesquisa limitam-se a uma instituição de ensino. Estudos posteriores podem, nesse sentido, instigar pesquisas que enriqueçam o conhecimento sobre o tema, abordando diferentes instituições e comparando diferentes cursos. Além disso, conduzir investigações com egressos, a fim de identificar dificuldades no processo de elaboração do TCC, constitui também uma oportunidade de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Alves, V. M., Espindola, I. C. P., & Bianchetti, L. (2012). A relação orientador-orientando na Pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão. *Revista Educação em Questão*, 43(29).
- Cunha Junior, C. A. da, Ihlenfeldt, E. L., Toro, P. E. Z., & Colauto, R. D. (2022). Representações sociais de emoções e sentimentos na elaboração de trabalho de conclusão de curso. *Revista de Contabilidade e Controladoria (RC&C)*, 14(1). <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v14i1.81116>
- Armstrong, S. J. (2004). The impact of supervisors' cognitive styles on the quality of research supervision in management education. *British Journal of Educational Psychology*, 74(4), 599-616. 2004. <http://dx.doi.org/10.1348/0007099042376436>
- Bock, A, Furtado, O, & Teixeira, M. L. (2008). *Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia*. 14ª. ed. São Paulo: Saraiva.
- Damásio, A. (2000). *O mistério da consciência, do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Schwarcz.
- Falaster, C., Ferreira, M. P., & Gouvea, D. M. R. De. (2017). O efeito da publicação científica do orientador na publicação dos seus orientados. *Revista de Administração Contemporânea*, 21(4), 458-480. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2017160118>
- Ferreira, L. M., Furtado, F., & Silveira, T. S. (2009). Advisor-advisee relationship. The multiplier knowledge. *Acta Cirúrgica Brasileira*, 24(3), 170-172, jun. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0102-86502009000300001>
- Hamid, Z., & Shah, S. A. (2018). Exploration of the Interactions between Supervisors and their Research Scholars at University of Kashmir. *International Journal of Movement Education and Social Science*, 7(2), 320-325.
- Ledoux, J. (2007). Unconscious and conscious contributions to the emotions and cognitive aspects of emotions: a comment on Scherer's view of what an emotion is. *Social Science Information*, 46(3). <https://doi.org/10.1177/05390184070460030105>
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2014). Discurso do sujeito coletivo: Representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto Contexto Enfermagem*, 23(2), 502-507.
- Leite Filho, G. A. (2004). *A relação orientador-orientando e suas influências no processo de elaboração de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em contabilidade na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis (Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Leite Filho, G. A., & Martins, G. de A. (2006). Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. *Revista de Administração de Empresas*, 46, 99-109. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902006000500008>
- Lopes, E. F. B. et al. (2020). A relação entre orientador e orientando no processo de produção científica. *Brazilian Journal of Development*, 6(1), 3854-3868.
- Lowman, J. (2004). *Dominando as técnicas de ensino*. São Paulo: Atlas.
- Machado, D. P., Tonin, J. M. F., & Clemente, A. (2018). Orientador e orientando ideais: similaridades e dissimilaridades na percepção de professores e alunos. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 15(35), 32-47. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2018v-15n35p32>
- Mahoney, A. A., & Almeida, L. R. de. (2005). Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da Educação*, 20(1), 11-30.

- Mailhiot, G. B. (1976). *Dinâmica e gênese dos grupos*. 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Meurer, A. M., Sousa, R. C. Da S., Costa, F., & Colauto, R. D. (2020). Sentimentos percebidos pelos orientandos nas fases de orientação das dissertações em contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 32(85), 158-173. <https://doi.org/10.1590/1808-057x202010550>
- Nobrega, M. H. (2018). Advisers and their Students in the 21st Century: challenges for the graduate programs. *Educação e Realidade*, 43(3), 1055-1076. <https://doi.org/10.1590/2175-623674407>
- Polster, E., & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus.
- Oliveira, A. S. (2006). *Relação Orientador-Orientando e a Teoria das Relações Interpessoais de Robert Hinde*. Dissertação Mestrado em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília), Brasília, DF, Brazil. p.130.
- Paloschi, K. T. B. (2013) *Relação orientador-orientando: a percepção de alunos de graduação em Ciências Contábeis*. Recuperado de <https://bdm.unb.br/handle/10483/12415>.
- Reeve, J. (2006). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: LTC.
- Rodrigues Jr, J. F., Fleith, D. S., & Alves, K. M. B. A. (2007). Dissertação de mestrado: um estudo sobre as interações entre o orientador e o orientando com base em incidentes críticos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 74(177). <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.74i177.1205>
- Viana, C. M. Q. Q. (2008). A relação orientador-orientando na pós-graduação *stricto sensu*. *Linhas Críticas*, 14(26), 93-109. <https://doi.org/10.26512/lc.v14i26.3430>
- Viana, C. M. Q. Q., & Veiga, I. P. A. (2010). O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos. *Educação*, 33(3).